

‘Saúde da Capital deve se preparar para uma guerra’

Diretora do Clínicas prevê proliferação de doenças e alta demanda

/ CLIMA

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Desde a última semana, os moradores de Porto Alegre e Região Metropolitana, assim como os da maioria dos municípios do Estado, estão sofrendo diretamente com as consequências da maior tragédia climática da história do Rio Grande do Sul. Porém, essa tormenta ainda parece estar longe do fim. Conforme o Jornal do Comércio vem reportando, além dos milhares de desalojamentos, as enchentes também têm gerado uma séria preocupação com a saúde pública, com alerta para o perigo de doenças resultantes do contato com água contaminada, bem como para o aumento da proliferação do mosquito transmissor da dengue.

Com o sistema de saúde gaúcho já sobrecarregado pelas restri-

ções impostas, como falta de funcionários e alagamento em postos e hospitais, os meses à frente se apresentam como um período desafiador, que demandará esforços significativos. Conforme a diretora-presidente do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Nadine Clausell, os hospitais da Capital e arredores devem se preparar para “uma guerra”.

“Esse é um desastre de proporções únicas, sem precedentes na história. Quando as águas começarem a recuar, teremos uma alta demanda de pessoas afetadas por doenças, especialmente as infectocontagiosas, além de questões muito sérias de saúde mental. Os hospitais precisam estar prontos para atendê-las”, destaca.

Nadine ainda relaciona esse período com o da pandemia de Covid-19, quando diversos setores da sociedade precisaram se adaptar a algo novo. Porém, ressalta que, agora, a principal dificulda-

de será logística. “O desafio será de proporções bem diferentes da pandemia, principalmente pela questão do transporte, que já está sendo prejudicado pelas estradas e pontes destruídas, algo que não havia naquele momento. A incerteza sobre a chegada dos medicamentos preocupa, mesmo que estejamos nos preparando. Mas, ao menos, não enfrentaremos enfermidades desconhecidas como foi a Covid-19”, completa.

Nesta sexta, 98 das 134 unidades de saúde de Porto Alegre estarão abertas. Algumas, porém, com equipe reduzida devido aos atendimentos realizados pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS) junto aos abrigos temporários de acolhimento aos desabrigados. Além disso, com exceção do Hospital Mãe de Deus, que teve de ser evacuado devido ao alagamento no bairro Menino Deus, todos os hospitais do município estão operando com restrições.

Equipe médica recebe desabrigados em São Leopoldo

Cássio Fonseca
cassiof@jcrs.com.br

Dentre os inúmeros abrigos montados ao redor do Rio Grande do Sul por conta das enchentes, o acampamento do campus da Unisinos de São Leopoldo chama a atenção por atuar em diversas frentes da área da saúde. Com cerca de 1.200 afetados pelas cheias recebidos em uma leva de sexta para sábado, o local está sob os cuidados de uma equipe formada, em sua maioria, por professores, egressos e alunos da universidade. O voluntariado atinge a marca de mil contribuintes.

É necessária a doação diária de alimentos - são produzidas 10 mil marmitas por dia, distribuídas em cinco refeições -, medicamentos e insumos. Com a chegada do frio, cobertores e roupas de inverno também surgem como urgência entre os donativos. A coordenadora adjunta do curso de Medicina, Cláudia Stadtlober, destaca o cuidado especial aos idosos.

“Recebemos um grupo de 32 pessoas mais velhas, muitas acamadas, e somos responsáveis pelos cuidados desde a alimentação até o banho. Com os dias conseguimos nos organizar melhor na estruturação do serviço”, disse a

professora. Trabalhando ainda com pediatria, obstetrícia e cuidados gerais, o grupo montou um ambulatório com funcionamento 12 horas/dia. Ainda há suporte emocional fornecido por psicólogos e psiquiatras.

O abrigo também recebe cachorros, gatos e coelhos, que precisam de uma área e equipe específica. Cláudia celebra a quantidade de ração que vem sendo doada, permitindo o cuidado dos quase 100 animais que acompanham as famílias.

Recebendo uma quantidade tão expressiva de pessoas em meio a uma tragédia dessa magnitude, o reitor da universidade, Sérgio Mariucci, considera inevitável a geração de conflitos entre os desabrigados. “Coloco dentro do âmbito do previsível. Me preocuparia se o conflito fosse de um nível de agressividade mais grave, mas não houve nada que indique criminalidade. Trata-se de um desentendimento entre pessoas em um nível de estresse muito alto”.

Sobre a manutenção do local nas próximas semanas, Mariucci não descarta o retorno das aulas (suspensas até o dia 18) com o espaço funcionando simultaneamente.



Acampamento no campus da Unisinos abriga 1.200 pessoas



Atendimentos em abrigos reduzem equipes nas Unidades de Saúde

No Clínicas, Nadine relata um funcionamento “desacelerado”, especialmente pelo pouco abastecimento de água. Para ela, isso será algo importante no futuro. “Temos um pessoal, podemos dizer que no banco de reservas, porque isso não será uma corrida, mas sim uma maratona. Temos que cuidar também dos profissionais de saúde, que precisam estar bem preparados mentalmente para o que vem pela frente”, finaliza.

De acordo com o secretário de Saúde da Capital, Fernando Ritter, porém, é preciso manter a calma nesse momento, para que todos os problemas sejam resolvi-

dos com planejamento.

“As questões pontuais enfrentaremos com a ajuda de todos. Cada dia os desafios são diferentes, seja com o abastecimento de insumos e equipamentos, energia elétrica e água, mas nenhum hospital deixou de funcionar, com exceção do Mãe de Deus, que foi alagado. Suspendemos todos os procedimentos eletivos para focarmos nas demandas urgentes, sobretudo daqueles atingidos pelas enchentes”, explica.

Segundo a assessoria da SMS, o órgão irá anunciar medidas relacionadas à preparação do sistema de saúde da Capital nos próximos dias.

Em Porto Alegre, 73% das Unidades de Saúde seguem atendendo

Nesta sexta-feira, 98 das 134 Unidades de Saúde de Porto Alegre permanecem funcionando normalmente durante a cheia histórica do lago Guaíba, responsável pela inundação de diversos bairros da Capital e Região Metropolitana.

O número reduzido de locais abertos ocorre porque, enquanto muitos profissionais estão atendendo à população que está abrigada nos mais diversos pontos da cidade, outros foram afetados pela enchente. Além disso, muitas das 36 unidades fechadas foram atingidas por alagamentos desde o início das chuvas.

A situação, porém, conforme a Secretaria Municipal de Saúde (SMS), ainda não gera sobrecarga no sistema, pois a procura tem sido menor por parte da população junto aos postos.

Nos últimos dias, inclusive, a secretaria ampliou a vacinação da gripe para toda a população de forma “discreta”, sem anunciar em seus portais, já que algumas unidades não poderiam atender um grande volume de pacientes. Por falta de recursos

humanos, a secretaria também optou por não expandir o público para recebimento do imunizante contra a dengue. A previsão inicial era de que as doses começassem a ser aplicadas em crianças e adolescentes de até 15 anos na última quarta-feira.

Os postos abertos estão realizando apenas exames contra a dengue, pois os insumos foram destinados aos hospitais. Os atendimentos odontológicos, da mesma forma, estão ocorrendo somente em situações de emergência e, os pacientes que perderam consultas especializadas, terão as mesmas reagendadas em outro momento.

Ainda, os atendimentos do Centro Logístico de Medicamentos Especiais (Celme), na Avenida da Azenha, também sofreram alterações devido a um alagamento no local, que precisou ser evacuado. Agora, a entrega de medicamentos está acontecendo na farmácia distrital do IAPI (rua Três de Abril, 90), das 8h às 17h. Permanecem fechadas as farmácias distritais do Santa Marta e Navegantes.